

UM PROJETO DE DEMOCRACIA

THE DEMOCRACY PROJECT

Rodrigo José de Góis QUEIROZ¹

Artigo recebido em 01/03/2021, aceito em 01/06/2021, publicado em 30/11/2021.

Palavras-chave:
Democracia direta;
História da
Democracia;
Movimentos sociais.

RESUMO

Neste trabalho apresentamos uma resenha do livro “Um projeto de Democracia” de David Graeber. A obra tem grande relevância para os debates contemporâneos em torno dos novos movimentos sociais em luta contra as políticas de austeridade fiscal, bem como evidencia as possibilidades da construção cotidiana da utopia da democracia direta. Destaca-se que o autor produziu um relato etnográfico através de sua participação no movimento Occupy Wall Street, ampliando as discussões em torno do conceito de democracia ao longo da história até os dias atuais. Posto isso, salientamos as críticas do movimento contra a dominação social orquestrada pelos “um por cento” de capitalistas financeiros contra os “noventa e nove por cento” de espoliados.

Keywords:
Direct democracy;
Democracy History;
Social movement.

ABSTRACT

We present a review of the book “The Democracy project” by David Graeber. The work has great relevance for contemporary debates in relation to new social movements fighting against fiscal austerity policies, as well as highlighting the possibilities of utopia of direct democracy built daily. The author produced an ethnographic report through his participation in the Occupy Wall Street movement, expanding the discussions around the concept of democracy throughout history to the present day. We highlight the movement's criticisms against social domination orchestrated by the “one percent” of financial capitalists against the “ninety-nine percent” of the dispossessed.

¹ Doutor em Geografia – UFC. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7433-4615>

1. RESENHA

O livro “Um Projeto de Democracia” apresenta um debate profundo em torno do conceito de *democracia direta* e das dificuldades de construção da mesma perante a hegemonia do capitalismo financeiro mundial. Levantando elementos de pesquisa a partir de uma etnografia da experiência participativa no movimento do Occupy Wall Street, o autor mostra como a partir dos diálogos realizados em assembleias horizontais o movimento criou o slogan adotado pelos movimentos sociais ao nível mundial: “somos noventa e nove por cento de espoliados contra o um por cento dos capitalistas financeiros”.

Nesse sentido, o livro debate alguns temas prementes como capitalismo financeiro, espoliação e endividamento da classe trabalhadora e juventude; novas formas de organização dos movimentos sociais; transformações sociais a longo prazo; bem como um debate sobre a história do conceito de democracia até os dias atuais.

O Professor David Graeber, autor do livro, foi antropólogo formado pela State University of New York – SUNY em 1984. Fez seu Doutorado na University of Chicago, com pesquisa etnográfica em Madagascar. Foi professor da Yale University entre os anos de 1998 e 2005 e da University of London de 2005 até 2020. Em 2 de setembro de 2020 veio a falecer com suspeita de Covid19¹, aos 59 anos de idade. Reconhecido militante libertário, participou do Movimento de Justiça Global iniciado pelos zapatistas em Chiapas no México em 1994, bem como dos protestos que suspenderam as reuniões da Organização Mundial do Comércio em Seattle em 1999. O livro em questão é fruto da participação do autor no movimento do Occupy Wall Street.

No primeiro momento desta resenha, vamos apresentar o debate sobre o processo prático de construção do movimento, para em seguida ir introduzindo elementos sobre os temas supracitados que, de alguma forma, convidem o leitor para aprofundar os estudos com o próprio livro. Sobre o processo de construção do movimento do Occupy Wall Street, o autor argumenta que após a grande crise econômica de 2008, a sociedade dos Estados Unidos viviam uma crescente sensação de que as instituições políticas tinham como norte o apoio às instituições financeiras.

Nesse contexto, de acordo com o autor, em 2011, os partidos de orientação marxista dos Estados Unidos estavam organizando uma campanha contra as políticas de austeridade aplicadas pela prefeitura de Nova York, em articulação com sindicatos e grupos comunitários. Assim, de acordo com o autor, em 2 de agosto de 2011,

¹ Nika Dubrovsky, companheira de David Graeber, em dezembro de 2020, escreveu sobre a suspeita de morte por covid19: “Todos os médicos diziam a mesma coisa: não há nenhum sintoma óbvio, mas você tem “síndrome pós-viral” [...] David foi testado para covid em Veneza, também com resultados negativos. Quando perguntei se sua morte poderia ser relacionada à doença, o médico respondeu “se o resultado do teste é positivo para covid, você tem covid; mas o teste negativo não diz que você não tem” [...] David morreu de necrose pancreática e hemorragia interna, mas por que de repente uma pessoa saudável e totalmente abstêmia de álcool como ele desenvolveria algo assim? Por que isso aconteceria tão repentina e aceleradamente? Por que esses sintomas tão estranhos o acompanhavam? Por que começou logo depois que pensamos ter contraído covid? Disponível em: < <https://outraspalavras.net/crise-civilizatoria/por-que-acredito-que-david-graeber-morreu-de-covid/> > Acessado em 19/06/2021.

ocorreu uma reunião com o Partido Mundial dos Trabalhadores (Workes World Party) – WWP. Tal partido é reconhecidamente stalinista, tendo em vista seu apoio a todas as políticas praticadas no seio da extinta União Soviética – URSS, como por exemplo a invasão da Tchecoslováquia em 1968. No âmbito dessa reunião, os ativistas horizontais resolveram romper com a orientação do partido.

A princípio, os ativistas horizontais tinham concordância em torno das críticas às políticas austeras de cortes de programas sociais, mas discordaram dos métodos autoritários levados a cabo pelo partido. Desta feita, com a recomposição da reunião entre os militantes horizontais, foi discutida a possibilidade de ampliação da mesma levantando debates em torno do tema da precarização da vida social nos Estados Unidos, em que os participantes se questionaram: “Quem estávamos convocando para se juntar a nós? Os oprimidos? Os excluídos? O povo?” (Graeber, 2015, p. 56). Já nessa primeira assembleia horizontal os participantes deixaram claro que as críticas deveriam ser dirigidas ao sistema financeiro. Desta feita, foi marcada uma nova reunião horizontal para outra terça, 9 de agosto de 2011.

Nesse sentido, refletindo sobre os processos de endividamento e espoliação financeira, surgem as perspectivas do próprio movimento se auto reconhecer como os “noventa e nove por cento” de explorados pelo sistema financeiro. Assim, o movimento passou a destacar que: “O um por cento detinha a esmagadora maioria dos valores mobiliários e outros instrumentos financeiros” (Graeber, 2015, p. 57), ao passo que os outros “noventa e nove por cento” da sociedade são espoliados pelo capitalismo financeiro. De acordo com o autor, o movimento foi se dando conta de que esse “um por cento” de privilegiados da sociedade eram efetivamente os capitalistas financeiros concentrados em Wall Street, ao passo que as vozes excluídas eram os outros “noventa e nove por cento” da sociedade.

Posto isso, ao longo das semanas o movimento foi se organizando, ganhando apoio do movimento sindical, grupos comunitários, grupos de proteção dos direitos dos imigrantes e vários bispos da diocese, dentre outros movimentos sociais, ao passo que no dia 17 de setembro de 2011, após divulgação nas redes sociais, a assembleia horizontal contou com duas mil pessoas no Parque Zuccotti, nas proximidades de Wall Street, iniciando a ocupação. Em 1 de Outubro de 2011, de acordo com o autor, a ocupação contava com milhares de dezenas de pessoas (entre 15 a 30 mil pessoas) participando do cotidiano da mobilização, com suas formas de organização horizontal.

De acordo com o autor, fica claro que o movimento de Occupy Wall Street surge na esteira de outros movimentos anteriores, desde aqueles movimentos antiglobalização no final da década de 1990, até a primavera árabe. Entretanto, o movimento do Occupy Wall Street também foi um epicentro de difusão de novas ocupações pelo mundo, especialmente nos EUA, Europa e até mesmo no Brasil, em questionamento ao capitalismo financeiro e aos processos de endividamento da classe trabalhadora.

Nas palavras do autor, pensando a expansão das ocupações pelos EUA e pelo mundo: “Em uma ou duas semanas, pelo menos uma centena de ocupações tinham se estabelecido; em um mês, eram supostamente seiscentas ocupações [...]” (Graeber, 2015, p. 72). E diz mais: “Em quase todas as cidades do país, tipos improváveis de cidadãos começaram a montar barracas” (Graeber, 2015, p. 74). O movimento recebeu apoio de toda a sociedade dos EUA, chegando a contar com doações em torno de meio milhão de dólares, de acordo com o autor, cumprindo um papel importante de alertar criticamente sobre os “um por cento” de privilegiados associados ao capital financeiro.

Nesse sentido, trata-se de um livro imprescindível para aqueles interessados em compreender a nova face dos movimentos sociais perante as transformações econômicas, políticas e sociais que o mundo vem passando, com destaque especialmente para as lutas sociais urbanas desde o alvorecer do movimento antiglobalização no final da década de 1990 em Seattle, bem como, o processo de articulação com as lutas indígenas, camponesas, negras, feministas, LGBTQI +, de imigrantes, desempregados, sem teto, sem terra, dentre outras. De acordo com o autor, em termos práticos, o movimento do Occupy Wall Street se baseou na possibilidade de buscar construir um duplo poder, que fugisse da ordem política, jurídica e econômica vigente. Entretanto, ao mesmo tempo, o movimento tinha como princípio a não-violência gandhiana e, em algum sentido, o trabalho de negociação, respeitando as decisões das assembleias horizontais.

Nesse caminho, um questionamento muito interessante é levantado pelo autor: por que o movimento se espalhou tão rapidamente? Essa resposta está totalmente articulada com a nova forma de capitalismo financeiro desenvolvida no mundo, em que os empregos disponíveis não oferecem nenhum benefício de bem estar social. No caso específico do Occupy Wall Street, um perfil muito presente em todo o processo foram os universitários endividados, tendo em vista que nos Estados Unidos o sistema universitário em sua maioria é particular.

De todo modo, de acordo com o autor, os jovens endividados foram apenas o núcleo inicial dos protestos de Occupy Wall Street. Em suas palavras: “Além dos estudantes, os grupos que se reuniram mais prontamente foram, sobretudo, os da classe trabalhadora” (Graeber, 2015, p. 87). Nesse ponto, o autor alerta para o momento de *financeirização da vida cotidiana* associada ao processo de desindustrialização, que acarreta o fim dos empregos estáveis.

O autor deixa claro que o setor industrial dos Estados Unidos, no contexto contemporâneo, passou a ter a maioria dos seus lucros no setor financeiro. Desta feita, os trabalhadores pobres, especialmente negros, latinos e mulheres, veem sua renda ser drenada pelo setor financeiro, no interior dos processos de reprodução da força de trabalho, como na questão da moradia com as hipotecas subprime. Vale destacar que essas hipotecas apresentam taxas mais altas de juros e são oferecidas a um público com maior risco de inadimplência.

Assim sendo, em novembro de 2011, em torno de dois meses do início da ocupação, vamos observar o fim da mesma através de despejos violentos. O trabalho realizado pelos meios de comunicação para produzir uma imagem do movimento como se se tratasse de um experimento idealista realizado por criminosos, viciados, moradores de rua e loucos começou a ganhar força com acusações de que participantes do movimento estariam praticando violência sexual nas redondezas da ocupação. O autor argumenta que o governo federal dos Estados Unidos trabalhou com algumas regras padrão no intuito de reprimir o movimento, atacando moralmente os ocupantes e trabalhando para retirar o apoio dos setores da classe média que se identificaram como parte constituinte dos “noventa e nove por cento” de espoliados pelo setor financeiro.

Com o processo de despejo, de acordo com o autor, surge um efeito inibidor sobre a imaginação em torno das possibilidades de transformação radical da sociedade entre os manifestantes. Contudo, Graeber (2015) destaca que não podemos confundir o provável imediato como um fechamento das possibilidades históricas, tendo em vista que as grandes transformações da sociedade continuam a acontecer. De acordo com o autor, o movimento do maio de 1968, por exemplo, que tinha como pauta a crítica radical das burocracias estatais na busca de revolucionar todos os aspectos da existência humana, teve como legado mais duradouro “[...] o nascimento do feminismo moderno” (Graeber, 2015, p. 266).

Nesse sentido, para além das transformações imediatas e necessárias que uma luta política pode alçar, reconhecidas como mudanças prováveis, o autor destaca a necessidade de pautar as transformações que são possíveis, mas parecem improváveis. Para o autor, as transformações profundas na sociedade são possíveis, mas ocorrem de forma processual através de um longo caminho de construção da cultura democrática. Para o autor, o caminho das lutas pela transformação social deve se dar na busca pela construção da *democracia direta*, ou seja, uma democracia não mediada pelas relações de poder hierárquicas. Nesse debate, o autor faz um resgate teórico sobre o conceito de democracia, desde a Grécia antiga, passando pela revolução francesa e a visão contemporânea.

A título de exemplo, de acordo o autor, a Declaração de independência e a Constituição dos Estados Unidos de 1787 não mencionam que o país seja uma democracia. Na época, os fundadores da constituição reconheciam a democracia como a mais vil de todas as formas de governo, no sentido alertado por Hobbes, sobre os perigos da mesma. Na continuidade, o autor destaca que entre 1770 e 1800, figuras políticas dos Estados Unidos, França e Canadá empregavam a palavra democracia exclusivamente em sentido vexatório e ofensivo. Ademais, apenas entre os anos de 1830 e 1850, que os políticos nos Estados Unidos e França começaram a se identificar como democratas e passaram a designar o regime eleitoral como democrático.

Nesse sentido, de acordo com o autor, Andrew Jackson foi o primeiro candidato presidencial dos Estados Unidos a se apresentar como democrata, um rótulo que usou para passar a ideia de que defenderia os

interesses de pessoas comuns, como pequenos agricultores e trabalhadores, contra os poderosos. De acordo com o autor: “O elaborado sistema republicano que os fundadores tinham criado com a finalidade expressa de conter os perigos da democracia passou a se chamar justamente “democracia” [...]” (Graeber, 2015, p. 172-173).

Por outro lado, o projeto de democracia aludido pelo autor, é o projeto de construção de uma democracia direta, sem as mediações hierárquicas associadas à sociedade capitalista. Esse projeto se encontra no campo de possibilidades da sociedade. De acordo com o autor, no mundo contemporâneo, um excelente exemplo de luta pela democracia direta é encampado pelas comunidades indígenas zapatistas no sul do México. Em outra obra, no prefácio do livro *Revolução Ignorada*, Graeber (2017) destaca a importância da luta contemporânea dos Curdos em Rojava, na construção do *Confederalismo Democrático*, como outro excelente exemplo de luta pela construção da democracia direta.

Por fim, o autor destaca que os militantes que construíram o movimento do Occupy Wall Street permaneceram se organizando após o despejo da ocupação, sempre destacando os efeitos nefastos da financeirização e precarização da vida cotidiana, pensando essa problemática em termos de possibilidades e perspectivas para novas mobilizações. Em suas palavras: “Em Nova York, a primeira iniciativa realmente grande do Occupy depois das expulsões foi participar do planejamento de uma “greve geral” em todo país no primeiro de Maio” (Graeber, 2015, p.152-153).

Nesse sentido, o livro deixa claro as possibilidades de construção da mobilização cotidiana tendo em vista a crítica dos pacotes de austeridade praticados pelo Estado, e dos processos de espoliação social praticados pelo capitalismo financeiro, como um primeiro passo para a construção da luta pela democracia direta.

2. REFERÊNCIAS

GRAEBER, David. (2015). *Um projeto de democracia*. Tradução de Ana Beatriz Teixeira. Revisão técnica de Pablo Ortelado. – 1 ed. – São Paulo: Paz e Terra. 307p.

GRAEBER, David. (2017). Prefácio. In: DIRIK, Dilar. *A revolução ignorada: liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no oriente médio*. 2 ed. São Paulo: autonomia literária.